

**ENTRE ÉPOCAS E CULTURAS: LITERATURA DE AUTORIA FEMININA COMO ESPAÇO DE  
EMPODERAMENTO E RESISTÊNCIA EM TEXTOS DE PAULINA CHIZIANE, PATRÍCIA MELO E  
BELL HOOKS**

**BETWEEN TIMES AND CULTURES: FEMALE AUTHORSHIP LITERATURE AS A SPACE OF  
EMPOWERMENT AND RESISTANCE IN TEXTS BY PAULINA CHIZIANE, PATRÍCIA MELO AND  
BELL HOOKS**

**Hellen Boton Gandin<sup>1</sup>**

**Ana Paula Teixeira Porto<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho objetiva refletir sobre a autoria feminina no campo literário como um espaço de empoderamento e resistência, considerando diferentes épocas e culturas através dos seguintes objetos de estudo: *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane (2002); *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo (2019); *Ain't I a Woman: Black Women and feminism*, de Bell Hooks (1981). A pesquisa busca aprofundar conceitos através de aportes bibliográficos que possibilitarão uma análise crítico-reflexiva de cunho qualitativo no campo dos estudos feministas e de gênero, com aporte da sociologia da literatura. Observa-se que, a partir da leitura dos objetos selecionados, é possível traçar um percurso intercultural para com o “ser mulher” em diferentes realidades e ainda por em evidência a importância da autoria feminina na literatura como meio de resistência a realidades opressoras. Evidencia-se ainda o papel de narrativas literárias como espaço de sensibilização e reflexão a respeito de questões de desigualdade de gênero.

**Palavras-chave:** Literatura. Empoderamento feminino. Vozes femininas. Autoria feminina. Desigualdade de gênero.

### **Introdução**

No campo literário, a autoria feminina ocupa espaços de grande importância cultural e social, pois em muitas produções evidencia e denuncia, por meio da representação da realidade e do processo de criação literária, situações de violência, subalternidade, patriarcado e machismo em diferentes contextos e épocas a partir de um olhar que salienta a visão feminina. Não só pela temática evidenciada, a escrita feminina também reafirma na literatura um importante processo de empoderamento e conquista por espaço discursivo, que durante décadas resguardou apenas campo destinado aos homens, subjugando a literatura de autoria feminina.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/FW. E-mail: hellengandin@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Letras. Professora dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/FW. E-mail: anapaula@uri.edu.br

Ao passo que a literatura pode representar o mundo e sensibilizar o leitor a questões caras à sociedade, o processo de escrita de mulheres sobre mulheres também possibilita movimentos de resistência acerca da contínua luta por igualdade e respeito na sociedade. Tais movimentos de empoderamento feminino e de discussão a respeito de práticas de silenciamento, violência e submissão da mulher permeiam diversos contextos sociais e culturais pelo mundo e que são visíveis em muitos planos temáticos em obras literárias, o que reafirma a existência da desigualdade de gênero, bem como de realidades culturais opressoras e machistas.

Nesse sentido, este trabalho objetiva refletir sobre a autoria feminina no campo literário como um espaço de empoderamento e resistência, considerando diferentes épocas e culturas. Para isso, como objetos de estudo e reflexão, tem-se as seguintes obras: *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane (2002) que tematiza o contexto moçambicano; *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo (2019), que contempla o cenário brasileiro; *Ain't I a Woman: Black Women and feminism*, de Bell Hooks (1981), que trata da perspectiva norte-americana. Com objetos de distintos contextos, é possível traçar um importante percurso intercultural e reflexivo para com o “ser mulher” em diferentes realidades, que aludem respectivamente a contexto colonial africano e ao brasileiro – ambos na contemporaneidade – e o período escravista norte-americano e também refletir sobre a autoria feminina no campo literário como uma forma de resistência à dominação masculina.

A pesquisa busca também aprofundar conceitos importantes para compreensão da literatura de autoria feminina através de aportes bibliográficos de autores como: Antônio Candido (2006) a respeito das implicações entre sociedade e literatura; Simone de Beauvoir (1970) e Guacira Lopes Louro (1997) sobre gênero e empoderamento feminino; Virginia Woolf (2014) a respeito da escrita feminina no universo literário; Rachel Soihet (1997) sobre violência simbólica; e Constância Duarte (2003-2004) sobre feminismo e literatura, que possibilitarão uma análise crítico-reflexiva de cunho qualitativo no campo dos estudos feministas e de gênero, com aporte da sociologia da literatura. As discussões estão organizadas em quatro seções, que irão abordar, respectivamente, a escrita feminina no universo literário, a contextualização dos objetos de estudo, o diálogo intercultural entre as vozes femininas em diferentes épocas e culturas e, por fim, a literatura de autoria feminina como espaço de empoderamento e resistência.

## **A escrita feminina no universo literário**

Ao se refletir sobre o universo literário diferentes perspectivas de análise podem ser selecionadas para discussão, dentre as quais, pode-se citar, como exemplo, as seguintes: quem é o sujeito que escreve? Qual é a temática da escrita? Qual o motivo do processo de escrita? O pensar sobre novos vieses é subjetivo a cada olhar que interpreta de forma diferente a esfera literária, contudo, nesta seção, serão postas em discussão os três vieses apresentados, cotejando com a proposta investigativa deste trabalho. De forma mais específica, inicia-se pela terceira linha reflexiva apresentada, que é a reflexão do porquê escrever no campo literário, bem como a importância do processo de escrita.

A literatura se reafirma como um campo fértil para proposição de discursos, reflexões e discussões de valor estético e também social que contribui não só para sensibilização humana, como também para a releitura de mundos, épocas e fatos. Considerando a esfera literária como uma arte que possibilita abertura à representação do mundo (CANDIDO, 2006), compreende-se, portanto, que ela abarca trânsitos temáticos pertencentes a realidade social, cultural e de época, oferecendo ao leitor possibilidades de releitura e reflexão a partir de tais contextos. Contudo, a representatividade na literatura, ao longo dos anos, nem sempre possibilitou o mesmo espaço à pluralidade e à diversidade existente no que diz respeito a temáticas sociais marginalizadas, público leitor diverso, personagens minoritários, ou, até mesmo, a um perfil de escritor, como as mulheres, por exemplo.

A partir disso, direciona-se o olhar a primeira perspectiva de análise que é sobre o perfil do sujeito escritor, destacando a figura feminina no cenário de escrita literária. O protagonismo feminino na escrita emerge na história como um processo de resistência e de luta contra as amarras de um sistema excludente, desigual e desencorajador, que supervaloriza a figura masculina e dá a ela o poder e a autonomia para com o processo de escrita e produção literária. Processo que, conseqüentemente, desapropriou a mulher da voz literária, da exposição de sua memória, crença e desafios, entre outras temáticas que foram eclipsadas pelo controle do patriarcado.

Durante muito tempo, foram negadas as mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias a criação, consequência da manipulação, do controle da palavra e da escrita. Isso assegurou a instalação do poder, da lei, do imaginário social na História (com H maiúsculo), e também trouxe como consequência a legitimação de uma minoria social, que assegurou, determinou e confinou as ferramentas do pensar, vedando as mulheres o livre exercício da autonomia do narrar e do escrever. O

patriarcado teve, como uma de suas funções na história, a construção e a reprodução de uma memória implacável, imóvel, endurecida e controladora do poder epistêmico. (TEDESCHI, 2016, p. 155)

Nesse sentido, observa-se a escrita feminina como um longo percurso de conquista de espaço no campo literário, assim como em outras esferas da sociedade, o que expõe os princípios, valores e a própria cultura que durante séculos preconizou no mundo. Cultura do patriarcado desempodera a mulher do direito a transitar ativamente por diversas áreas de forma igualitária ao homem, como meio de estabelecer práticas de domínio e controle, e assim restringe espaços e atividades consideradas impróprias ao grupo feminino. Virginia Woolf, importante escritora revolucionária que abordou restrições que eram feitas às mulheres no período vitoriano, destaca, em seu livro *Um teto todo seu* (2014), importantes concepções a respeito o papel feminino na literatura em diferentes épocas:

[...] qualquer mulher que tenha nascido com um grande talento no século XVI certamente teria enlouquecido, atirado em si mesma ou terminado seus dias em um chalé nos arredores da vila, meio bruxa, meio feiticeira, temida e escarnekida. Não é preciso ter grandes habilidades em psicologia para afirmar que qualquer garota muito talentosa que tenha tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão impedida e inibida por outras pessoas, tão torturada e feita em pedaços por seus próprios instintos contrários, que deve ter perdido a saúde e a sanidade, com certeza. (WOOLF, 2014, p. 38)

[...] é bastante evidente que mesmo no século XIX uma mulher não era encorajada a ser artista. Pelo contrário, era desprezada, estapeada, repreendida e aconselhada. Sua mente deve ter-se exaurido, e sua força vital ter diminuído pela necessidade de se opor a isso e desaprovar aquilo. Então aqui nos deparamos com um complexo masculino obscuro e muito interessante, que teve bastante influência nos movimentos femininos; aquele desejo inveterado nem tanto de que ela seja inferior quanto de que ele seja superior, que o coloca onde quer que se olhe, não apenas diante das artes, mas também bloqueando o caminho para a política, mesmo quando o risco para ele parece ser ínfimo, e o requerente, humilde e devotado. (WOOLF, 2014, p. 42)

A partir de tais afirmações, observa-se o tratamento dado, em diferentes épocas, às capacidades intelectuais femininas, essas vistas como anormais e, portanto, desencorajadas pelas figuras masculinas. O apagamento da presença feminina limita as contribuições em nível artístico, social, político e também de representatividade social, a partir de discussões que garantam a mulher o direito e o protagonismo da voz e do discurso, para enfatizar aspectos que não atendam só ao público masculino, mas também outras mulheres.

A partir disso, destaca-se a segunda perspectiva de análise que esta seção pretende discutir a respeito do universo literário, que é a temática da escrita, sobretudo, a feita por mulheres. Na concepção de que, segundo Candido (1995, p. 177), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”, compreende-se que a escrita feminina no campo literário, que até então é protagonizado por homens, demarca um movimento de quebra de paradigma e que contribui para a propagação de discursos de denúncia de fatos, confirmação de realidades e apoio a outras mulheres. Ainda, a escrita feminina pode ser compreendida como uma forma de empoderamento, mediada pela busca da voz, por espaço de igualdade na sociedade, bem como de representatividade no universo literário.

Desta forma, é possível pontuar que a literatura atua como um espaço de libertação, de denúncia a temáticas sociais, e também um meio de reconhecimento de si. Sant’anna (2006, p. 01) defende que “o conceito de escrita feminina está associado, por um lado, à necessidade de engendrar ou gerar retrospectivamente uma tradição e, por outro, à problematização da especificidade e registro de marcas do feminino no discurso e na escrita de mulheres”. Nesse sentido, observa-se que o espaço feminino na literatura configura um meio de propagar as particularidades da vida feminina, bem como dar voz a essa esfera que possui muito a registrar, devido ao longo período em que o discurso feminino não recebeu o devido espaço nas artes.

A partir da concepção proposta por Guardia (2013, p. 15), que expõe a ideia de que os discursos femininos na literatura são “Vozes que emergem do silêncio para desenhar novos mapas discursivos na reconstrução da memória e da ficção, o que também significa uma linguagem própria, um espaço de liberação, de reconhecimento de si mesmas e de redefinição.”, serão expostas, a seguir, as três obras que são objeto de estudo deste trabalho, observando os contextos sociais que preconizam, a representatividade evidente e, sobretudo, as vozes femininas que nestas obras emergem.

### **Contextualização dos objetos de estudo**

A primeira obra selecionada é *Niketche: uma história de poligamia*, escrita por Paulina Chiziane e publicada em 2002. Chiziane aborda no romance aspectos históricos da própria terra natal, Moçambique, e, a partir disso, “faz referência ao recente colonialismo português, Revista Literatura em Debate, v. 16, n. 28, p. 66-82, jul./dez. 2021.

cujas marcas ainda podem ser vistas através da observação de práticas sociais e de valores que sinalizam a potencialidade da dominação portuguesa no país africano.” (GANDIN; BERTOLOTTI; PORTO, 2021, p. 50). A partir disso, é possível observar ainda os entrecruzamentos entre a identidade africana (colonizado) e a portuguesa (colonizador), essa que, considerando a intensidade do processo de colonização, se evidencia de formas diferentes no mesmo país.

O contexto colonial africano representado na obra possibilita também a observação e análise do processo de colonialismo entre pessoas que impõe valores machistas e negam os direitos das mulheres. Chiziane enfatiza, por meio de um diálogo entre ficção e realidade, os aspectos culturais de Moçambique, que se destaca pelo machismo e patriarcado que media práticas de valorização demasiada da figura masculina e a submissão feminina. Tais aspectos mediaram as próprias vivências da autora, tendo em vista que ela foi considerada a primeira mulher negra a escrever e publicar romance em seu país, marco importante que destaca a potencialidade da primeira geração de escritores a registrar a história e a cultura do país e, sobretudo, amplia os horizontes e o espaço para que outras mulheres possam registrar suas angústias, alegrias e sonhos por meio da literatura.

A respeito dos aspectos temáticos da obra, pontua-se como principais a questão da poligamia, como sendo alusiva ao próprio processo de colonização e os impactos culturais a respeito do casamento implicados nesse processo; a desigualdade de gênero que é cultuada desde o nascimento do homem e da mulher; e o empoderamento feminino diante dos fatos da trama, que expõe figuras femininas em patamar de denúncia e reflexão diante da realidade desigual vivenciada no país. Na sequência, exemplifica-se tal contexto de superioridade masculina em Moçambique a partir de um trecho retirado da obra de Chiziane (2004, p. 161):

Ao nascer, a menina é anunciada com três salvas de tambor, o rapaz com cinco. O nascimento da menina é celebrado com uma galinha, o do rapaz celebra-se com uma vaca ou uma cabra. A cerimônia de nascimento do rapaz é feita dentro de casa ou debaixo da árvore dos antepassados, a da menina é feita ao relento. Filho homem mama dois anos e mulher apenas um. Meninas pilando, cozinhando, rapazes estudando. O homem é quem casa, a mulher é casada. O homem dorme, a mulher é dormida. A mulher fica viúva, o homem só fica com menos uma esposa.

A segunda obra é *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo. Foi publicada em 2019 e representa o cenário contemporâneo brasileiro a partir da abordagem de temáticas, como: feminicídio, violência física e psicológica em mulheres, a impunidade que prepondera no

Brasil, bem como o perfil do opressor, que na maioria dos casos compõe a rede de pessoas íntimas da vítima. O romance de Melo, assim como o de Chiziane, incorpora fatos reais como os crimes contra mulheres, e mescla-os com traços ficcionais que dão vida os personagens e a trama em si, e nesse sentido, observa-se o teor de denúncia e reflexão presentes na narrativa devido a essa proximidade com o real.

A trama é gerada entorno das vivências de uma jovem advogada paulistana que acompanha julgamentos de casos de mulheres assassinadas no interior do Acre em uma comunidade indígena. A partir disso, a personagem busca compreender o seu próprio passado familiar em que sua mãe foi assassinada pelo seu pai, podendo assim, também se desprender das amarras de seu relacionamento amoroso, que também evidencia um contexto de obsessão, violência e dominação cometidas pelo parceiro. Nesse sentido, a obra relaciona as experiências íntimas da personagem com a realidade vivida profissionalmente por ela em um novo estado brasileiro, buscando representar a realidade patriarcal e violenta vivenciada por inúmeras mulheres no país hoje.

Contudo, ao mesmo tempo que o romance expõe a realidade do feminicídio no país a partir próprio título “Mulheres Empilhadas”, que denota o número expressivo de mortes, Patrícia Melo constrói uma narrativa de empoderamento e de resistência diante de tais fatores. Isso porque as personagens mulheres transitam em situações de apoio e união mútua diante do cenário de violência e morte, além de representarem um desfecho em que, em sua maioria, foi possível desvencilhar dos relacionamentos abusivos ou dos demais alvos de violência, expondo assim, um horizonte positivo e de combate a tais fatores no país. Para elucidar essas reflexões e temáticas que compõem a obra de Mello, destacam-se, dois trechos que reafirmam, respectivamente, o cenário violento e opressivo contra as mulheres no país e o teor de resistência e empoderamento que também se configura a obra.

Foi Alceu quem matou Eudineia & Heroilson matou Iza & Wendeson matou Regina & Marcelo matou Soraia & Ermício matou Silvana & Creso matou Chirley & mais ainda, Degmar foi morta por Ádila & Ketlen foi morta por Henrique & Rusyleid foi morta por Tadeu & Juciele foi morta por Itaan & Queila foi morta por Roni & Jaqueline foi morta por Sinval & Daniela foi morta por Alberto & Rael foi morta por Geraldo, e todos esses crimes, que aconteceram havia sete, dez, doze anos, não demoraram sequer três horas, cada um, para ser julgados. (MELO, 2019, p. 68)

Nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam. Descobrem nossos amantes e nos matam. São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. São humilha-dos e nos matam. Voltam do

trabalho cansados e nos matam. E, no tribunal, todos dizem que a culpa é nossa. Nós, mulhe-res, sabemos provocar. Sabemos infernizar. Sabemos des-truir a vida de um cara. Somos infieís. Vingativas. A culpa é nossa. Nós que provocamos. Afinal o que estávamos fazendo ali? Naquela festa? Àquela hora? Com aquela roupa? Por que afinal aceitamos a bebida que nos foi oferecida? Pior ainda: como não recusamos o convite de subir até aquele quarto de hotel? Com aquele brutamontes? Se não queríamos foder? E bem que fomos avisadas: não saia de casa. Muito menos à noite. Não fique bêbada. Não seja independente. Não passe daqui. Nem dali. Não trabalhe. Não vista essa saia. Nem esse decote. Mas quem disse que seguimos as regras? (MELO, 2019, p. 69)

A terceira e última obra é intitulada *Ain't I a Woman: Black Women and feminism*, com a seguinte tradução: *Eu não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo*, escrita por Bell Hooks. Publicada em 1981 e considerada um clássico da teoria feminista, a obra faz menção ao período escravista norte-americano e apresenta discussões sobre a mulher negra nos Estados Unidos, como a invisibilidade, a escravidão, a desvalorização e o patriarcado. A diferenciação desta para com as demais obras é o teor teórico que permeia as reflexões, sem a mediação secundária de aspectos literários, como a existência de personagens e enredo, por exemplo. Ou seja, suas discussões envolvem aspectos sociais e históricos norte-americanos que fizeram parte da história do país e que ainda permeiam as esferas sociais.

Bell Hooks, assim como as demais autoras aqui expostas, também traz à tona suas vivências, como mulher, negra e norte-americana e dá voz, em sua obra em questão, à luta contra a opressão não só sexista, como também racista enfrentada pela sociedade estadunidense. Breda (2019) destaca que os estudos de Bell Hooks, desde a sua formação em literatura inglesa até o doutoramento, permeiam reflexões sobre “raça, gênero e classe e às relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas”. Temáticas importantes de serem discutidas, sobretudo, a partir da visão feminina de Hooks, que também vivenciou e vivencia o racismo nas esferas sociais.

Outros aspectos tratados na obra fazem menção às heranças advindas da escravidão e que ainda perduram na sociedade atual, como o machismo, o racismo, a exploração sexual, a desumanização e objetificação cometida frente ao corpo feminino negro, além de questões acerca dos estereótipos criados e da violência verbal, sexual e psíquica frequentes na sociedade atual. Tais aspectos discutidos na obra fazem-se importantes na perspectiva do debate a respeito do racismo estrutural, da segregação em diversos campos sociais e também para potencializar a participação de mulheres negras em movimentos feministas,

estes que segundo a própria autora são compostos por grupos seletos de mulheres brancas, para que assim possa-se debater não só questões de gênero, como também raciais.

Nessa perspectiva, apresentam-se dois trechos que exemplificam as discussões de gênero e raça presentes na obra:

Nenhum outro grupo na América tinha a sua identidade tão socializada fora da existência como tinham as mulheres negras. Éramos raramente reconhecidas como um grupo separado e distinto dos homens negros, ou como uma parte presente de um grupo maior de “mulheres” desta cultura. Quando o povo negro é falado o sexismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras; quando as mulheres são faladas o racismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras. Quando o povo negro é falado a tendência é focada nos homens negros; e quando as mulheres são faladas a tendência recai sobre as mulheres brancas. (HOOKS, 1981, p. 08)

O povo branco estabeleceu uma hierarquia social baseada na raça e no sexo que classificava os homens brancos em primeiro, as mulheres brancas em segundo, algumas vezes iguais aos homens negros, que eram classificados em terceiro e as mulheres negras em último. O que isto significa em termos de política sexual de violação é que se uma mulher branca fosse violada por um homem negro, seria visto como mais importante, mais significativo do que milhares de mulheres negras violadas por um único homem branco. A maior parte dos americanos, incluindo o povo negro, conheceu e aceitou esta hierarquia; também internalizaram conscienciosamente ou inconscienciosamente. E por esta razão, por toda a história americana, a violação do homem negro a uma mulher branca atraiu muito mais atenção e foi visto com muito maior significado do que a violação das mulheres negras, quer por homens brancos ou negros. (HOOKS, 1981, p. 40)

### **Diálogo intercultural entre as vozes femininas em diferentes épocas e culturas**

A partir da breve apresentação pontua-se que, mesmo com a abordagem e representação de diferentes cenários sociais, épocas e culturas, é possível observar que há, nas três obras, aproximações temáticas e factuais que convergem para um único cenário reflexivo, sendo esse o espaço secundário ocupado pelas mulheres ao longo dos anos – independentemente da época, cultura, raça, situação financeira, entre outros fatores.

O entrecruzamento entre o cenário proposto por Paulina Chiziane (cultura patriarcal moçambicana), Patrícia Melo (feminicídio no Brasil) e Bell Hooks (racismo e sexismo na estrutura norte-americana) apontam para reafirmação da supervalorização masculina em diferentes práticas sociais e a violência contra mulher, seja ela física, verbal, psicológica, ou ainda ao direito de expressão e de representatividade, que em muitas realidades é negado, contribuindo para a opressão feminina. Na mesma perspectiva, analisa-se a presença de

práticas nas quais a mulher é ocupante de um papel submisso ao homem, papel esse alicerçado em questões pertencentes a cultura local a religião, patriarcado e machismo enraizado na sociedade, ou até mesmo imposto por ações violentas contra a mulher e que, a partir disso, exige uma postura dependente desta. Tais práticas são compreendidas por Beauvoir (1970, p. 17) como meios de provar a inferioridade da mulher, nos quais, segundo autora, “antifeministas apelam não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental, etc.”.

A submissão ao homem apontada como um fator presente nas três narrativas exprime também a desigualdade refletida em aspectos culturais, econômicos e sociais entre homens e mulheres. Oportunidades, campos de trabalho, vivências, remunerações desiguais que auxiliam na opressão e apagamento feminino na sociedade, assim como afirma Louro (1997, p. 17) quando destaca que “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência.”

O contexto de submissão e de invisibilidade da figura feminina ao longo dos anos também se relaciona com o próprio acesso ao conhecimento, este que, sendo nulo ou limitado, pautava-se no preparo de meninas e jovens para atuação doméstica. Duarte (2003) aponta que, em meados do século XIX, o único acesso ao ensino feminino advinha de poucos conventos existentes para a preparação de meninas para o casamento, escolas particulares em casas de professoras ou aulas individuais, todos estes objetivavam apenas a instrução voltada a aspectos domésticos e maternais. A partir de tal contexto é evidente o reconhecimento de inúmeros fatores que estão por traz do não acesso feminino à ciência, às artes, à literatura, por exemplo, dentre eles a espera que as mulheres se dediquem apenas ao lar e à família (DUARTE, 2003-2004) e a concepção machista de que a mulher domina a sensibilidade e a imaginação (fantasia) e não a racionalidade, esta que está associada, prioritariamente, a figura masculina, apenas. (SOIHET, 1997)

A partir disso, compreende-se os contextos expostos nas obras *Niketche: uma história de poligamia* e *Ain't I a Woman* abrem espaço para discussões acerca da desigualdade de gênero, na perspectiva de buscar entender seus princípios e justificativas em meio a sociedade ao longo dos anos. Discussão já proposta por Louro (1997, p. 22) na medida em que a autora destaca que é preciso compreender as justificativas para as desigualdades a partir dos aspectos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas

de representação e não nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. As obras ainda oferecem a discussão acerca do racismo contra mulheres negras, sendo aqui representado pelo cenário americano e moçambicano, mas que prepondera diversas outras culturas, bem como a brasileira. Nesse sentido discute-se, para além da subalternidade feminina, as questões raça que tencionam a realidade de mulheres negras no mundo, conceituando-as como mais inferiores.

Ambas obras trazem à tona a temática do racismo a partir de um percurso de escrita que evidencia aspectos culturais vigentes em cada cenário histórico de criação literária das autoras e também presentes no enredo da própria história. Esta ligação temática, mesmo hibridizada às particularidades de cada contexto cultural demarcado em cada obra, permite traçar um percurso reflexivo e comparativo com demais obras a respeito da constituição do “ser mulher negra” em diferentes contextos. Reflexões que, infelizmente, apontam fatos que permanecem enraizados na sociedade ao longo dos anos, como, violência física, psicológica, verbal, racismo e desigualdade de gênero nas mais diversas esferas sociais.

Diante das provocações a respeito da temática do sexismo aliado ao racismo, Beauvoir (1970, p. 17-18) destaca que

Há profundas analogias entre a situação das mulheres e a dos negros: umas e outros emancipam-se hoje de um mesmo paternalismo e a casta anteriormente dominadora quer mantê-los "em seu lugar", isto é, no lugar que escolheu para eles; em ambos os casos, ela se expande em elogios mais ou menos sinceros às virtudes do "bom negro", de alma inconsciente, infantil e alegre, do negro resignado, da mulher "realmente mulher", isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem.

Nesse sentido, compreende-se a importância não só dos aspectos temáticos das obras, mas também a própria autoria feminina mediando tais diálogos e potencializando discussões importantes de serem feitas. Considerando a temática da violência, observa-se que, ao passo que Chiziane apresenta a violência contra a mulher em uma perspectiva de silenciamento e apagamento da figura feminina em meio a sociedade patriarcal e machista e Hooks expõe a violência sexual, física e moral enfrentada em um período escravocrata norte americano, Melo evidencia o crime de feminicídio no Brasil. Estas construções literárias que possuem temáticas que se entrecruzam não só reafirmam uma realidade opressora à população feminina em diferentes contextos culturais e épocas, como também podem ser consideradas a própria eternização de discursos que abordam vivências, desejos e dificuldades de mulheres, a partir

da visão e da autoria feminina. Através disso, Chiziane, Hooks e Melo legitimam, protagonizam e enaltecem um percurso importante de representatividade, igualdade e respeito, nos quais as mulheres tanto lutam ao longo dos anos.

### **Literatura de autoria feminina como espaço de empoderamento e resistência**

As três obras que são objetos de estudo deste trabalho possibilitam ainda outros dois aspectos reflexivos importantes para o reconhecimento destas obras no cenário literário, que são: a presença de discursos e práticas de resistência e empoderamento feminino, tanto na perspectiva das personagens, como das próprias autoras; e a representatividade feminina na literatura, com teor emancipativo, crítico e reflexivo a questões sociais importantes.

O primeiro aspecto reflexivo engloba a presença de vozes que reafirmam um teor feminista, de resistência e de empoderamento diante das realidades opressoras. Diante disso, é necessário apontar que Paulina Chiziane, Bell Hooks e Patrícia Melo não são apenas escritoras que se posicionaram diante dos valores e da realidade vivenciada, mas também são mulheres que dão continuidade a um percurso histórico de luta feminina e, portanto, contribuem para a abertura de novos espaços discursivos e para a potencialização do movimento de reivindicação dos direitos básicos ao público feminino, como igualdade e respeito. A partir da compreensão de que as obras em si possuem compromisso com a erradicação de preconceitos e quaisquer tipos de violência contra a mulher comprova-se a articulação com a significância do movimento feminista, nos quais se fundamenta em “todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual ou de grupo.” (DUARTE, 2003-2004, p. 197)

O empoderamento feminino se faz presente nas obras na medida em que as personagens traçam um percurso de autoconhecimento, estabelecendo críticas e reflexões sobre as próprias relações afetivas e sociais que as cercam, demonstrando consciência da realidade machista e opressora, bem como o desejo de se desvencilhar desse contexto. A luta pela vida e liberdade feminina presente na obra *Mulheres Empilhadas*, o percurso reflexivo sobre o reconhecimento da dignidade das mulheres negras em *Ain't I a Woman* e as discussões sobre o patriarcado configurado por questões culturais em *Niketche*, exemplificam o processo contínuo pela igualdade entre homens e mulheres destacado por Beauvoir (1970, Revista Literatura em Debate, v. 16, n. 28, p. 66-82, jul./dez. 2021).

p. 85) quando afirma que “o que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não se sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade”.

Por fim, a respeito da representatividade e emancipação feminina, temáticas subjacentes nas obras, Beauvoir (1970, p. 18) destaca que uma das compreensões que se pode ter a respeito das práticas opressivas e de rejeição às mulheres em muitas áreas da sociedade é justamente a temerosa concorrência feminina que ameaça a moral e os interesses da burguesia conservadora. As autoras em destaque exercem um papel de referência em meio ao cenário de luta e resistência feminina, sobretudo no campo literário, em que a figura masculina dominou por tantas décadas. A respeito da ausência feminina como papel protagonista na produção científica e artística na história, Soihet (1997, p. 08) argumenta que o acesso a educação foi, e ainda é, um poderoso alicerce para a libertação patriarcal e machista e para o aumento da presença ativa da mulher em qualquer campo social, contudo, conforme aponta a autora, tornou-se também um meio para a efetivação de outras formas de violência.

A educação é elemento fundamental na tomada de consciência das mulheres de sua condição subalterna, ao mesmo tempo que lhes proporciona o instrumental para ultrapassar essa condição. Dialeticamente, porém, constitui-se num dos principais veículos de difusão da violência simbólica, contribuindo incisivamente para a inscrição das representações da inferioridade feminina nos "pensamentos e nos corpos de umas e de outros.

Importante de ser compreendida, a violência simbólica atenta, dentre outras ações, para a prática de se enfatizar a sensibilidade feminina de modo a minimizar ou excluir a capacidade de raciocínio de mulheres, considerando-se assim uma modalidade de violência. (SOIHET, 1997). À vista disso, destaca-se a importância da leitura atenta e crítica de obras literárias como estas citadas, como forma de reconhecimento de novos cenários de luta feminina, de reflexão a respeito das diferentes formas de violência existentes, e sobretudo, para a sensibilização e repúdio a qualquer tipo de desigualdade de gênero.

A construção de posicionamentos em prol da luta pela igualdade feminina e a apropriação de obras como *Nikette: uma história de poligamia*, *Mulheres empilhadas* e *Ain't I a Woman: Black Women and feminism* são necessárias para a compreensão de outras barreiras a serem superadas na sociedade atual, pois como alerta Duarte (2003-2004, p. 217)

Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença absurdamente desigual de mulheres em assembleias e em cargos de direção, e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física.

Embora presente em diferentes cenários e culturas e épocas, sobretudo no século XXI, a desigualdade de gênero e o combate à violência contra a mulher necessita, cada vez mais, de espaços discursivos nas mais variadas esferas da sociedade, como na literatura, sobretudo a escrita por mulheres, não só como meio para dar voz a estas, mas também para que se ampliem os campos de escuta e de transformação efetiva dos paradigmas sociais para que se construa uma sociedade mais igualitária e respeitosa.

### **Considerações finais**

As produções de autoria feminina, *Nikette: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane (2002); *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo (2019); *Ain't I a Woman: Black Women and feminism*, de Bell Hooks (1981) possibilitam traçar percursos reflexivos a respeito do “ser mulher” em diferentes realidades, sendo essas, respectivamente, contexto colonial africano, a contemporaneidade brasileira e o período escravista norte-americano. Considerando os diferentes cenários, as leituras oferecem um campo fértil para discussões em nível intercultural, incorporando assim, um diálogo transversal entre culturas, valores, aspectos sociais e históricos que permeiam as obras, tanto os presentes nos elementos da narrativa, como no contexto de criação destas.

A partir do entrecruzamento temático evidencia-se a importância da escrita feminina no campo literário, como meio de empoderamento e luta por igualdade, sendo essa pauta, o ponto de reflexão do trabalho. A confirmação do objetivo traçado foi fundamentada na perspectiva de que medida em que as obras não só tratam de temáticas que envolvem vivências e situações experienciadas por mulheres como também são obras escritas por mulheres. Desta forma, pontua-se que as autoras Paulina Chiziane, Patrícia Melo e Bell Hooks são referência em meio a um cenário de resistência feminina e dão continuidade a um percurso histórico de luta pela igualdade de gênero. Portanto, contribuem para a abertura de novos espaços discursivos e para a potencialização do movimento de reivindicação de direitos e de desprendimento da dominação masculina em diversas áreas sociais.

A leitura reflexiva das obras, pautando-se no espaço feminino ocupado em cada narrativa, possibilita promover um movimento de compreensão das diferentes culturas, valores, crenças a respeito da mulher em diferentes sociedades. A partir da leitura discutiu-se, primeiramente, a presença feminina na escrita literária, essa que emerge na história como um processo de resistência e de luta contra as amarras de um sistema excludente, desigual e desencorajador, que supervaloriza a figura masculina e dá a ela o poder e a autonomia para com o processo de escrita e produção literária. Processo que, conseqüentemente, desapropriou a mulher da voz literária, da exposição de sua memória, crença e desafios, entre outras temáticas que foram eclipsadas pelo controle do patriarcado.

A partir da explanação dos objetos de estudo e da reflexão a respeito das particularidades sociais, culturais e históricas presentes em cada enredo foi possível pontuar algumas questões que possuem aproximações temáticas e factuais que convergem para um único cenário reflexivo, sendo esse o espaço secundário ocupado pelas mulheres ao longo dos anos. O entrecruzamento entre o cenário proposto por Paulina Chiziane (cultura patriarcal moçambicana), Patrícia Melo (feminicídio) e Bell Hooks (racismo e sexismo) apontam para reafirmação da supervalorização masculina em diferentes práticas sociais; violência contra mulher; desigualdade refletida em aspectos culturais e nos valores sociais; mulher em posição de submissão ao homem; reafirmação da realidade sexista e racista que prepondera diversas culturas.

Além de contribuírem para práticas de sensibilização humana diante de questões de desigualdade de gênero, submissão e silenciamento de mulheres, as três obras ainda possuem a presença de discursos e práticas de resistência e empoderamento feminino, sendo pelas personagens, como pelas próprias autoras. Nesse sentido, entende-se o papel importante das narrativas literárias como espaço de reflexão e resiliência a perspectivas de opressão à mulher, possibilitando a sensibilização de leitores quanto a lutas enfrentadas por mulheres em contextos variados social e historicamente.

**ABSTRACT:** This work aims to reflect on female authorship in the literary field as a space of empowerment and resistance, considering different times and cultures through the following objects of study: *Niketche: a story of polygamy*, by Paulina Chiziane (2002); *Mulheres Empilhadas*, by Patrícia Melo (2019); *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*, by Bell Hooks (1981). The research seeks to deepen concepts through bibliographic contributions that will enable a critical-reflective analysis of a qualitative nature in the field of feminist and gender studies, with the contribution of the sociology of literature. It is observed that, from the reading of the selected objects, it is possible to trace an intercultural path towards "being a woman" in different realities and to highlight the importance of female authorship in literature as a means of resistance to oppressive realities.

The role of literary narratives as a space for raising awareness and reflection on gender inequality issues is also highlighted.

**Keywords:** Literature. Female empowerment. Female voices. Female authorship. Gender inequality.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BREDA, Tadeu. (São Paulo). *Quem é bell hooks?* 2019. Elefante editora. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CANDIDO, Antônio. *O direito a literatura*. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.p.169-191.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura: discurso e história. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v 9/10, p. 195-219, 2003/2004. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/3167](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3167). Acesso em: 07 de abr. 2022.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 7 abr. 2022.

GUARDIA, Sara Beatriz. *Literatura e escrita feminina na América Latina*. Anuário de Literatura, p. 15-44, 2013.

GANDIN, Hellen Boton; BERTOLOTTI, Elisângela; PORTO, Ana Paula Teixeira. Cultura e posicionamento político: a narrativa niketche, de paulina chiziane, e o papel reflexivo da obra. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 23, p. 49-66, jun. 2021. Semestral.

HOOKS, Bell. *Ain't I a Woman: Black Women and feminism*. 1ª edição 1981. Tradução livre para a plataforma Gueto. Janeiro 2014. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/snn08nn>. Acesso: 19 out. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MELO, Patrícia. *Mulheres Empilhadas*. São Paulo: LeYa, 2019.

*Revista Literatura em Debate*, v. 16, n. 28, p. 66-82, jul./dez. 2021.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *Os desafios da escrita feminina na história das mulheres*. Raído, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016.

SANT'ANNA, Mônica. A escrita feminina e suas implicações: a recorrência ao corpo como signo de identidade. *Revista Eletrônica de Estudos Literários-REEL*, n. 02, 2006.

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica. Saberes Masculinos e representações femininas. *Estudos Feministas*, v.5, n.1, p. 7-29, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12558>. Acesso em: 07 de abr. 2022.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.